

Desorientação nas escolas

09.12.2012, Jornal Público, por Graça Barbosa Ribeiro

O primeiro período termina com os professores a descobrirem, ainda, como lidar com as novas regras, que continuam a surpreendê-los

Quando as aulas terminarem, hoje, os professores não vão respirar de alívio. Para os alunos, começam duas semanas de férias, para eles uma maratona de reuniões com regras de avaliação que conheceram há pouco mais de uma semana, pelos jornais. Directores e professores apresentam este episódio como um exemplo da "desorientação" que se vive nas escolas. Dizem que ainda estão a aprender a lidar com as novidades introduzidas este ano lectivo pelo Ministério da Educação e queixam-se de cansaço e de desânimo.

Na sala de professores da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos de S. Silvestre, nos arredores de Coimbra, Margarida Fonseca, professora de Matemática, solta uma gargalhada nervosa. "Temos de rir. Porque é ridículo", desculpa-se, embaraçada. Está a contar como é difícil harmonizar procedimentos entre escolas que, "sem terem nada a ver umas com as outras, foram agrupadas"; e como foi complicado, há uma semana, reunir dois conselhos pedagógicos das duas escolas de 2.º e 3.º ciclos do novo mega-agrupamento.

"Bem, foi numa quarta-feira e tratava-se de harmonizar o modelo de planos de recuperação destinados aos alunos que acabassem este período com más notas", prossegue Margarida Fonseca. "Apesar de ter havido muito trabalho preparatório, a reunião foi demorada e tensa, mas chegámos a um consenso. Fui para casa estoirada, dormi, e, no dia seguinte, entrei aqui e a primeira coisa que me dizem é: "Já sabes da novidade!? O Governo acabou com os planos de recuperação!"". Margarida solta outra gargalhada. Os colegas não riem. Todos concordam que os planos de recuperação "eram uma burocracia inútil". "Mas tinham de acabar com eles e de inventar os planos de acompanhamento pedagógico individual precisamente a uma semana da avaliação!? Vai ser assim até ao fim do ano?", protesta João Henriques, professor de Geografia.

Há cerca de uma hora que, à vez, seis professores relatam episódios que ilustram a perturbação que se tem vivido. As queixas estão longe de ser particulares e são comuns, até, aos representantes de associações de professores que foram beneficiados pela revisão curricular de Nuno Crato, ministro da Educação.

Matemática, por exemplo, ganhou horas na matriz curricular do ensino básico. "Mas os alunos têm mais tempo de matemática? Não", pergunta e responde Lurdes Figueiral, presidente da associação nacional de docentes daquela disciplina, quando contactada pelo PÚBLICO. Diz que as contas não podem ser só de somar: "Tem de se subtrair as horas perdidas com o fim do Plano da Matemática e do Estudo Acompanhado, e de descontar o tempo que perdemos a tentar trabalhar com turmas maiores do que era habitual e a correr de escola para escola nos mega-agrupamentos", enumera.

Um professor, três escolas

As representantes dos professores de História e Geografia, que ganharam 90 minutos para distribuir entre as duas disciplinas no 7.º, no 8.º ou no 9.º anos, não dizem que o que se está a passar na Educação "é uma tragédia", como faz Lurdes Figueiral, mas também são críticas. Raquel Henriques, da Associação de Professores de História, ressalva que mais 45 minutos por semana num espaço de três anos "é sempre positivo, embora para já não seja expressivo em termos de resultados". Quando põe na balança os problemas já referidos pela colega de Matemática, conclui que "o melhor que se pode dizer, em jeito de balanço, é que a situação não piorou muito".

Emília Sande Lemos, dirigente da Associação de Professores de Geografia, é mais entusiasta em relação aos três quartos de hora, que "fazem a diferença entre fazer ou não trabalhos de investigação", mas diz-se "apreensiva". Conhece professores que dão aulas em três escolas e afirma que, apesar de ser "uma entusiasta da cooperação entre docentes dos vários níveis de ensino", já perdeu "as ilusões": "Este tipo de agregação não favorece a proximidade, pelo contrário, porque os professores vão a todo o lado e pertencem a lado nenhum", diz.

Qualquer agrupamento serve de laboratório. Na Escola de São Silvestre, Luís Pereira, professor de Educação Física, está de passagem. Passa a semana a correr entre aquela e a outra escola de 2.º e 3.º ciclos do agrupamento e admite que, apesar de ser director de turma, não pode dizer que conheça profundamente os alunos, que têm dificuldade em encontrá-lo. Luís Marques, depois de 36 anos a dar Educação Tecnológica, escapou ao destino de muitos dos colegas, que ficaram sem actividade lectiva, mas ainda não descobriu como pode dar aulas práticas num período de 45 minutos semanais "que se esgotam na desarrumação e arrumação do material". Emília Vidal, que agora tem o mesmo tempo para fazer com que os alunos ganhem gosto pela Educação Visual, também dá apoio ao estudo aos alunos do 2.º ciclo, outra das novidades deste ano, mas já percebeu que, "quando as dúvidas são muito específicas", pouco mais pode fazer que aconselhar os alunos a procurarem os professores das disciplinas, no dia seguinte.

Na Escola Secundária Jaime Cortesão, no mesmo agrupamento, Fernanda Palrinha diz que a perturbação do início do ano foi tal que só quando se viu perante os alunos de Biologia do 12.º ano teve noção do desafio que é dar o mesmo programa com menos 135 minutos de aulas por semana. Cristina Ferrão, professora de Português do mesmo ano, contrapõe que, apesar achar os 45 minutos que a disciplina ganhou, "muitíssimo úteis", "os trocava, de boa vontade, pela paz de outros tempos", em que os professores contratados não ficavam no desemprego e os colegas do quadro não ficavam sem aulas para dar. Beatriz Santos, aluna de ambas, está contente com os 45 minutos a mais de Português, mas não se conforma por não poder "pôr as mãos na massa", que era o que os colegas mais velhos faziam nas aulas práticas de Biologia que ela agora não tem.

Os problemas não são estranhos ao presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais, Albino Almeida, que diz que se preocupa também com outro: "O medo em relação ao futuro profissional", que diz detectar "nos olhos de todos os professores". "Quero crer que conseguem esquecer-lo quando entram na sala para dar aulas", afirma.